

41º Encontro Anual da Anpocs
GT16 Migrações internacionais: Estado, controle e fronteiras

Expectativas nas fronteiras entre Oriente e Europa: a tragédia política e as formas de solidariedades aos refugiados

Aloisio Ruscheinsky

doutor em Sociologia, USP, pós-doutorado na UAB (Barcelona). Docente titular PPGCS, Unisinos. Financiamento Capes.

Corina Tulbure

doutora pela Universidad de Barcelona, colabora com periódicos.

Introdução

Os recentes fluxos migratórios são tipos que estão surgindo em cenário peculiar e não cabe confundi-los com outros em tempos e circunstâncias distintas. Para tal cabe examinar os fluxos desde a sua origem o que permite compreender o seu envolvimento com uma dinâmica complexa a nível local e internacional. Os refugiados nos informam algo sobre uma dinâmica e condições, desde os tipos de violações à integridade física e de guerras dentro das nações e até perdas maciças de condições de trabalho e renda, até de habitat derivadas de guerra ou de mudanças climáticas.

Neste estudo os autores têm a pretensão de combinar a abordagem transnacional a um percurso de atores na contemporaneidade, em uma perspectiva acadêmica que representa um resultado do envolvimento com a trajetória e a cultura de imigrantes, nos papéis de pesquisadores e ativistas sociais. O texto aborda a situação de insegurança, bem como a incapacidade de governos da União Européia (UE) para atuar sob a lógica de direitos humanos universais e de acordos sobre direitos da população que se considera refugiado político. Neste sentido, as manifestações de reconfiguração das desigualdades, diz respeito a diferentes grupos sociais e étnicos, firmemente trazidas para as investigações em ciências sociais. A perspectiva de pesquisada compreensão contemporânea das vulnerabilidades a que estão submetidas grandes contingentes populacionais requer uma

construção em termos de direitos, justiça, tolerância, solidariedade. Sob esta ótica o acolhimento é a qualidade positiva, enquanto a defesa nacional e a delimitação do bem-estar os aspectos negativos.

Ao contrário de Allen et al (2017) não temos a pretensão de examinar como as noções de "migrantes" e "refugiados" são usadas em diferentes contextos e significados, para uma variedade de propósitos. Importa, sim, as questões críticas sobre direitos, como a mobilidade, cidadania e a desconformidade do Estado-nação. Os acordos firmados sobre a recente crise em face do fluxo migratório levantam importantes questões geopolíticas. Além disto, há como questionar significados pelos quais são construídos os movimentos e por quem, mas também como as ordens de sua interrupção são desafiadas e subvertidas.

Finalmente, não houve para os autores uma preocupação em diferenciar entre migrantes e refugiados nestas situações de trânsito, porquanto considera-se a existência dos primeiros predominantemente na condição dos últimos. De qualquer forma, pelas convenções internacionais as nações em questão tem o dever de reconhecer os direitos humanos, independentemente do status legal.

Desta maneira se busca analisar acontecimentos que envolvem atores sociais junto às fronteiras de Estados nacionais e a multidão de refugiados desta forma ganha visibilidade dentro do cenário migratório global. O núcleo do artigo explora o potencial e a contribuição do significado da tragédia e trajetória em termos de: compreender a experiência como performativa do olhar; repercutir as vozes singulares dos refugiados (BENEZER; ZETTER, 2015); os dilemas provocados por uma dupla resistência de um lado países desenvolvidos da Europa restringem acesso e de outro vítimas de guerra requerendo uma via de trânsito; informar a academia e as políticas a partir de uma compreensão complexa da experiência de uma viagem de investigação.

2 Aspectos metodológicos na condução da investigação

A trajetória de campo realizou-se entre agosto e setembro de 2015, cujo fluxo principal remete aos deslocamentos entre Bucareste, na Romênia, à Harmanli na Bulgária; retorno à Bucareste e em seguida rumo à fronteira Sérvia-Hungria. Entre os milhares

de refugiados vivendo ao léu contatamos especialmente os de origem síria, mormente em outubro de 2016 em pesquisa ao sul da Turquia, região de Gaziantep.

Do ponto de vista metodológico trata-se de dois estilos de coletar dados. Os cadernos de campo contêm elementos da percepção de um sujeito inquieto, que a seu modo traduz a dimensão do processo de imersão no cotidiano efêmero dos refugiados e de outros atores que estabelecem interfaces. Neste interim se aborda a experiência do contato com o estranho, com o Outro, nos termos de espaço, tempo, códigos, visões e ambições. Todavia, nas circunstâncias de hostilidade e de incertezas a escolha da hora para anotações é algo estratégico. De outra parte as entrevistas versaram sobre as experiências-limite dos refugiados, seus percursos, angústias e interlocutores. Entre os problemas envolvidos nesta atividade situa-se o percalço para manter uma delimitação do universo de pesquisa, a impossibilidade de definição prévia de quem e de critérios para selecionar os sujeitos a serem entrevistados. Os autores enfrentaram desafios conceituais e estratégicos em estudar refugiados em situação efêmera e de risco, além da questão das diferentes línguas e dialetos e tradições étnico-culturais. Nos percursos pelo campo de pesquisa foram de extrema valia migrantes que falavam inglês, jornalistas que compreendem a língua árabe, ou seja, fomos acompanhados por mediadores culturais que falavam as línguas e as linguagens dos refugiados.

Os aportes teóricos e metodológicos possuem o propósito de corroborar com uma análise de um aspecto peculiar da cultura na sociedade contemporânea, dos conflitos múltiplos, das contradições inerentes ao Estado de direito, expressos com as características em termos de uma crítica frente à tragédia deste contingente humano. Os embates políticos produzem uma distorção da realidade ao atribuir culpa aos refugiados e contra tal abordagem advoga-se outras categorias de análise e óticas de observação das relações sociais que tentem superar equívocos. O campo empírico investigado se apresenta como um campo de poder, onde os atores fundamentais encontram-se de forma nitidamente assimétrica, contudo a partir dos quais se pretende dar conta dos mecanismos de poder que sustentam diferentes ações no conflito em questão.

Os objetivos da investigação centram-se em apresentar aspectos da diversidade de situações em que se encontram refugiados sírios nos países dos balcãs, particularmente os obstáculos devido à vigilância sobre as fronteiras. Também está posto em questão as relações entre os agentes do conflito em especial por meio da percepção das ameaças (sim-

bólica, econômica e de segurança) e de hostilidades diversas. Com estes propósitos pode-se ir desde a percepção de uma ativação de identidade étnica e social, mas que não atenua ou mitiga diante dos processos discriminatórios em face da presença indesejada de refugiados ou estranhos.

Sob as dimensões empíricas, metodológicas e teóricas se enfatiza o embate, devido a relações assimétricas, entre contingentes desprovidas de recursos e as atribuições o papel do Estado na vida cotidiana em assegurar fronteiras. O retrato a partir do campo empírico apresentará um exame do impacto do quadro transnacional, das possíveis reformulações de condições de cidadania e pertença (BRETTELL, 2016). Na voz dos sujeitos na situação de refugiados se explora as incertezas quanto à recepção, a percepção das razões para deixaram as suas pátrias, e a obstrução da perspectiva do relacionamento tenso entre direitos e imigração.

3. As ciências sociais na abordagem dos conflitos migratórios

A publicação do *Routledge Handbook of Immigration and Refugee Studies* oferece uma abordagem abrangente a partir de um campo multidisciplinar das migrações internacionais, regulares e ilegais, as situações quanto ao contrabando e traficantes, a migração forçada e obstáculos aos pedidos de asilo para refugiados. Em especial nos capítulos da parte VI e VII onde utiliza informações e análises contemporâneas para um exame das controvérsias quanto à gestão do problema da ação diuturna de traficantes nas fronteiras e dos refugiados, particularmente em situação ilegal.

Numa visão geral o contributo teórico da sociologia política para uma perspectiva do estudo da migração aborda migrantes como indivíduos, cujas conexões situam-se numa rede de nexos e são membros de uma categoria social, inseridos em relações sociais. Nesta abordagem, de acordo com White e Johnson (2016), cabe reconhecer o nexo complexo que envolve a decisão para migrar e o conflito social explícito aprimora a compreensão da tomada de decisões a nível individual, em meio às conexões transnacionais.

Para O'REILLY (2015) as ênfases das teorias e das abordagens dos fluxos de migração estão desenvolvendo novos conceitos e estruturas para entender os fluxos não-

lineares, circulares e temporários e estão incluindo diversos tipos, como migrantes afluente e/ou buscando asilo político. O exame a partir da globalização do fenômeno força a inclusão de análises com desdobramentos históricos, políticos e culturais de afetados. A transnacionalização do problema, ou negociação entre nações da questão como um dilema, é uma visão relativamente nova permitindo abordar os processos em que os deslocamentos de dão de um lado para o outro com obstáculos nas fronteiras e entre ou para além dos estados-nação. Neste interim, há uma demanda aos pesquisadores para não ignorar o que ocorre para além do Estado-nação, porquanto novos desafios aos direitos atinentes à esta esfera de definição.

Como resultado desta pesquisa se destacam algumas características dos percalços de refugiados em tela no nível macro pelo viés de sua conotação internacional, envolvendo estados-nação. A questão política denota: as fragilidades de convenções e pactos internacionais para circunstâncias específicas; a baixa eficiência do estado-nação em universalizar direitos¹; desafia regimes tidos como democráticos, inclusive afetando suas agendas eleitorais. Destaca-se no campo empírico que as relações entre as nações, como a União Européia, conjuga-se com as formas pelas quais o Estado busca moldar uma ação política, tipicamente com a intenção de controlar os fluxos de migração (White; Johnson, 2016).

Sob a ideia de que os migrantes com frequência não se inserem perfeitamente à estrutura social existente, Boatcã (2014) entende que há uma oportunidade para os processos de etnicização e racialização, refletindo as relações de poder entre países emissores e receptores. De forma similar se acentuam tensões entre indivíduos disputando o mesmo espaço social². "Estamos diante de um discurso de duplo padrão a nível global. Enquanto a maioria dos migrantes enfrentam requisitos cada vez mais difíceis para uma permissão de trabalho ou visto de entrada para a UE ou EUA, as possibilidades se multiplicam para investidores obter tais vistos (Portugal, Inglaterra, etc) ou mesmo a cidadania nesses países" (BOATCÃ, 2014, p. 105). O importante contributo das análises do contexto da recepção reside no fato de que convincentemente se apresentam exceções à regra, dentro dos padrões de desigualdade.

¹Para Allen e outros (2017, p. 2), os "migrantes" surgiram como uma categoria social a ser controlada, mesmo considerando a perspectiva de um regime de cidadania global. De certa forma, as migrações são fundamentais para o desenvolvimento do Estado-nação moderno.

²Explica Manuela Boatcã, professora e pesquisadora da Universidade de Friburgo, autora do livro "Global Inequalities Beyond Occidentalism". Farnham: Ashgate Publishing, 2015.

A situação conjuntural a que são submetidos os refugiados interrogam o olhar do cientista social para auscultar os sujeitos, interpretar e reconhecer as condições estruturais da existência desses fluxos em curso. Sassen (2013; 2016) analisa diferentes fluxos novos, entre eles a migração para a Europa originada principalmente na Síria, no Iraque, no Afeganistão e em vários países africanos. Esses fluxos são peculiares por que emergem em circunstâncias claramente delimitadas respectivamente no nível local, a nível nacional e regional e a nível geopolítico global. Os fatos no território da Síria ou de outras nações em violência e guerra interna de alguma forma ganharam as manchetes dos noticiários internacionais. De qualquer modo, parece não ser uma surpresa o aumento dos refugiados na última década, uma vez que condições de sobrevivência se acentuaram.

Para um cientista social, a partir de uma visão alternativa ou outro lugar social da apreensão do real, os refugiados simplesmente constituem um outro fenômeno social, com processos, ações de agentes, conflitos, interesses, arranjos e resultados sociais relacionados. O exame destes fatores ilumina a compreensão da complexidade em questão.

Entre as perspectivas contemporâneas se reconhecem a existência de diversos fluxos e contra-fluxos, com examine dentro de redes amplas, movimentos de mobilidade e processos que se caracterizam pelo refúgio político. Ao se considerar fenômenos transnacionais e o papel de múltiplos atores sociais se requer uma ênfase nos fatores de nível macro, micro e meso que influenciam a experiência migratória (O'REILLY, 2015). Neste sentido, no fenômeno se relacionam agentes tais como a população do espaço onde aportam novos migrantes, as políticas dos direitos decorrentes de acordos internacionais, a ajuda humanitária, os serviços de repressão ou detenção, os grupos em processo de migração, por fim, sem excluir aqueles que não se movem, mas ainda podem fazê-lo.

Os conflitos gerados pelas recentes migrações internacionais representam um desafio peculiar para uma abordagem porque o problema ou ideia de "estado-nação" encontra-se em seu coração. Assim, constata-se um impulso para delinear o fluxo migratório devido às demandas dos estados-nação visando monitoramento, controle e limitação. Por sua vez, os cientistas sociais tentam elucidar o fenômeno contemporâneo da migração internacional como potencial conflitivo, com implicações de mudanças para sociedades estáveis, com desafios diversos cujo potencial cabe explorar. Em particular, a condição de refugiados suscita questões sobre identidade e pertença, localização e desqualificação, recursos e privações, coesão social e desigualdade social.

O papel da teoria na ciência social é fornecer estruturas analíticas através das quais examinar os fenômenos sociais. O principal desafio para as teorias sociais, de acordo com O'REILLY (2015) consiste nas tentativas de construir abordagens de amplo escopo – perspectiva estrutural – aliadas à narrativas de histórias das práticas de migração dos sujeitos em ação. Em outros termos, uma síntese de abordagens onde se integrem diferentes dimensões.

O quadro abrangente sugerido é a ótica macro-teórica que pondera a realidade factual dos refugiados a partir das convenções internacionais, os acordos gestados para conter os fluxos, os obstáculos nas fronteiras, as contradições entre os fatores citados, entre outros. A narração de histórias quanto aos obstáculos enfrentados na trajetória, conflitos de sua vida cotidiana, vinculam-se a fatores anteriormente citados. O discurso dos refugiados usualmente gira em torno da expectativa e dos mecanismos de burlar obstáculos estruturais. Neste sentido, O'REILLY (2015, p. 32) afirma que “essas abordagens precisam trabalhar juntas. Estudos de amplo escopo não têm sentido sem a análise do papel das práticas da vida cotidiana, no contexto das relações históricas e das maquinações contemporâneas”.

O exame do impacto no quadro transnacional junta-se às formulações que exploram os impasses da recepção por diversos países e a representação de refugiados sobre a sua trajetória, especialmente de origem síria. Passa, então, à perspectiva sobre a relação com o significado das fronteiras, com os diferentes agentes sociais, como traficantes e a ajuda humanitária. Todo o olhar e a interpretação está permeado pela ausência de direitos para a migração. O desafio principal no percurso pelos campos de refugiados refere-se às incertezas constatadas.

4. Em contêineres no deserto: viver aprisionados/apartados

Entre as causas dos deslocamentos, de sírios entre outros, situa-se um conflito ideológico e armado entre rebeldes e governantes, juntamente com as disputas territoriais e controle sobre os recursos naturais e econômicos, além dos conflitos raciais e religiosos. Considera-se que refugiados são vítimas diretas de vulnerabilidades e agentes de direitos largamente difundidos no mundo ocidental, o que supõe que em muitos casos

acabem de experimentar rupturas diversas: tradições, identidade, núcleo familiar, nacionalidade.

Num clima de beligerância a população de alguma forma é empurrada pelos conflitos em curso e atraída pelo desejo de outra forma de vida. Acima de um milhão de refugiados transitaram pelos países dos Balcãs entre 2015 e no início de 2016³. Para travar esse afluxo, os países europeus instituíram políticas restritivas de migração, muitas vezes caracterizadas pelo controle policial repressivo, bem como pela construção de muros ou valas ou cercas de arame para fechamentos de fronteira. Entre os migrantes que receberam cuidados de saúde mental na Sérvia enquanto viajavam pelos países dos Balcãs para o norte da Europa afirma Arsenijević (2017), se constatou a prevalência de eventos violentos, incluindo trauma físico, entre outras mazelas. Ainda uma outra conexão, os fechamentos de fronteiras ao longo da rota dos Balcãs estão associados diretamente à diminuição dos refugiados registrados por causa do aumento das violações na Sérvia e outros países. Por outro lado, crescentemente o atravessamento das fronteiras implica na suscetibilidade aos eventos violentos, conforme observados nas clínicas de saúde mental. Convém notar que estes eventos violentos de forma sistemática e organizada encontram sua origem nas entranhas das decisões de um suposto Estado de direito. Arremata a autora, que estas circunstâncias situam-se na via oposta à proteção conforme os princípios e disposições de acordos e leis internacionais de refugiados. Em contraposição à reunião das Nações Unidas (19 de setembro de 2016) que asseverou uma "abordagem coordenada e humana" para a questão dos refugiados, a observação no campo empírico demonstra uma realidade adversa ou, melhor, um fosso considerável entre retórica e ação.

Existe um acordo entre Turquia e a UE quanto à contenção de refugiados este país em espaços restritos, o que também sucede em países vizinhos. No caso trata-se do campo de refugiados, num ponto fronteiriço, Öncüpınar e Bab al-Salam, junto à fronteira entre Síria e Turquia. Porém, o que parecia uma solução temporária, num campo para sírios deslocados forçadamente, se tem sido convertido em um limbo, em seus diversos significados, que já dura mais de quatro anos para a maioria.

³ IOM. Compilation of available data and information.
https://www.iom.int/sites/default/files/situation_reports/file/Mixed-Flows-Mediterranean-and-Beyond-Compilation-Overview-2015.pdf

Neste campo de Öncüpınar, no momento da pesquisa, viviam em torno de 16.000 pessoas, sendo e não sendo por sua vez uma pequena cidade, ou como é denominada “cidade Contêiner”. Por fora, o espaço territorial está rodeado de valas ou cercas. Uma porta blindada destaca a entrada, com policiais e guardas de segurança privada que patrulham por fora e no interior do campo. A nosso olhar mais parece uma prisão no deserto ou ao ar livre. Na entrada nos informa Seyfettin Cimen, o administrador do campo, que “existem 116 guardas de segurança privada para a vigilância lá dentro”. Nada pode entrar ou sair sem uma autorização dos responsáveis e para isto é preciso aguardar em filas durante horas para que se escarneiem documentos. “Os sírios aqui não são refugiados, são nossos irmãos”, adverte o administrador. Um argumento pelo qual tem e ao mesmo tempo não tem razão.

Desde o início do conflito sírio até o final de 2015, a Turquia manteve abertas suas fronteiras com países vizinhos. No entanto, de acordo com Allen e outros (2017) as pessoas de origem síria que eram legalmente classificadas como refugiadas tiveram a sua condição de refugiados rejeitada pelo setor de Gestão das Migrações, preferindo então o termo proteção temporária, ou mesmo que seriam tidos como "convidados". Estas são categorias sem significado legal. De fato, ainda mais que o presidente Erdoğan⁴ designou os sírios de "irmãos muçulmanos", apontando a crescente islamização da política externa. De acordo com os autores citados, tanto o governo turco, quanto a UE continuam a usar as questões relativas aos contingentes deslocados para atingir os objetivos das suas políticas, mesmo que de maneira conflitante. Uma dessas formas envolve chamar os sírios na Turquia de "irmãos" ou "convidados" em vez de refugiados políticos. Ocorre que os migrantes sírios não se enquadram no estatuto de refugiados na Turquia, dado que ao aplicar a convenção este país limitou o status de refugiadas com os correspondentes direitos às pessoas que procedem da Europa (Allen e outros, 2017).

Vencidos os obstáculos dos portões blindados se descortina a infraestrutura com mais de dois mil contêineres, escolas, hospital e um bazar diversificado. Neste campo não está visível algum espaço da Acnur (Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados) ou outros organismos humanitários internacionais. A gestão desta “cidade” se

⁴Manchete de El País em 25/11/2016 “Parlamento Europeu quer congelar a adesão por causa do retrocesso democrático no país; Turquia ameaça Europa com abertura das fronteiras a três milhões de refugiados”. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/25/internacional/1480064543_937083.html

dá com suporte do governo turco e por isto está visível o logotipo da organização humanitária turca - IHH. A exceção de pequenas atividades no bazar, tendinhas ou empresas de alimentos não há trabalho, mas soa um grande isolamento, ausência de atividades razão pela qual pesam cada vez mais o aborrecimento e a esperança míngua. Para ir à cidade turca mais próxima, Kilis, é necessário um percurso de vinte minutos de automóvel numa estrada por paisagens de campos despovoados. Por sua vez comenta Mahmoud, funcionário da IHH, que o campo está desenhado para manter as pessoas dentro e que não se dirijam às cidades. “A vida no campo está boa, não queremos ir à cidade” afirmam duas instrutoras sírias no centro social em presença de responsáveis pelo campo, que assistem a entrevista.

No centro do campo há um parque de diversões para as crianças e um edifício em que funciona um centro social e se ofertam cursos para os adultos. Numa sala de pintura os quadros e mosaicos estão à venda e outras mulheres que confeccionam manualmente fazem sapatilhas, tapetes e roupas infantis a espera de compradores. Ao lado se abre uma escola de cabelereira e explica a mulher síria que se passa de professora: “são aulas práticas, para que as mulheres possam abrir prontamente seu próprio negócio”. Ela ganha cerca de 300 euros mensais pela atividade.

Nas ruas entre os contêineres se exibem cartazes de boas-vindas, bandeiras turcas e antenas parabólicas. No isolamento ou em meio ao nada, o telefone e a televisão são o contato com o mundo. Para Nour Amar, os dias que passa no campo são todos iguais. Além de limpar, cozinhar e estudar turco, pouco resta a ser feito a cada dia e finaliza “estou esperando que algo mude. Não há trabalho neste país”. Ainda conta que nunca pensou que levaria quatro anos neste lugar. “Somos as pessoas do campo”. Os vizinhos já se converteram em parte de sua família, ainda que procedam de regiões diferentes da Síria, não obstante, a sua rua é e não é por sua vez uma rua de um bairro. Sem trabalho e, portanto, sem dinheiro, comenta que no mercadinho se consegue produtos por pequenas somas, todavia pela ausência de atividade laboral, serve principalmente como um lugar onde se mata o tempo e se atualiza a memória.

Durante a visita à cidade dos contêineres chegam algumas mensagens que Nour compartilha de seu irmão que vive com sua família na Alemanha. Ele pergunta se alguém poderia ajudá-la a obter uma permissão para deslocar-se pela Turquia e ela enfatiza: "mais de três anos que ele não vê a família que está no campo. Preciso de um convite, de

alguém que se encarregue de mim e me convide. Quero pedir asilo na Alemanha, pois à Síria, não podemos voltar, meu pai está na prisão⁵”.

Algumas ruelas abaixo, próximo ao muro fronteiro, situa-se o hospital, onde vemos gente fazendo fila, porém a responsável informa que graves problemas de saúde são repassados a hospitais nas cidades. Ao lado fica uma das seis escolas nas quais estudam mais de 6.000 menores. Um grupo de crianças, com cerca de dez anos tem aulas de língua turca. “O programa escolar recomendado antes era em sírio, porém agora estudam língua turca, ao mesmo tempo em que seguem estudando árabe, língua e cultura” nos informam as professoras. Nada indicaria que se trata de uma escola isolada de outras turcas similares, numa cidade-campo, se não fora pelas cercas e alambrados que se veem do pátio.

Por sua vez, Mahmoud entende que na verdade “o campo em que atua tem uma infraestrutura, ao contrário como campos no Líbano ou Jordânia, com barracas de campanha; contudo somente é um campo, não é uma cidade. Não há nenhum futuro ali”. Se anotarmos no que é preciso para entrar e sair de Öncüpinare Bab al-Salam, oficialmente ou de forma clandestina, então ali em não é somente uma cidade com um território, talvez seja melhor referir-se a um país, com fronteiras bem demarcadas e com demasiada polícia para o tamanho e para a população. Um pequeno país onde quem guarda a entrada e faz a lei é um país estrangeiro.

Os agentes que trabalham em agências da ONU, organizações de ajuda ao desenvolvimento e organizações não-governamentais de diferentes nacionalidades se assemelham a uma força multinacional. Por fim, nos assentamentos informais e falta de habitação acessível e adequada, insegurança alimentar e desemprego, os refugiados sírios estão na vanguarda das questões humanitárias que afetam populações empobrecidas e deslocadas, agora na condição de requerentes de asilo (ALLOWAY, 2016).

⁵ “Durante las evacuaciones forzadas de civiles de las zonas rebeldes, muchas comunidades han afirmado estar de acuerdo con que se las desplace a la fuerza de un área a condición de recibir información sobre los miembros de la comunidad que se encuentran prisioneros y de liberar a estas personas. Y el régimen acepta estas demandas y luego no las cumple. Es lo que hemos visto estos meses en Al Waer, en las últimas evacuaciones forzadas de los civiles. El régimen afirmó que al evacuar a los civiles de la zona rebelde de Al Waer daría información sobre los miles de detenidos de esta área y este acuerdo se ha cumplido, porque el régimen no ha ofrecido ningún dato y los detenidos no han sido liberados. Esta falta de información es traumática para las familias, porque la gente no sabe qué ha pasado, dónde están los desaparecidos, si siguen en las prisiones o han fallecido”. Afirmación de Shami Robin, coautora (com Yassin-Kassab) do livro 'País en llamas', disponível em <http://www.publico.es/internacional/guerra-siria-leila-shami-regimen.html>

5. Obstáculos nas travessias das fronteiras

A experiência de pesquisa e contatos com migrantes legais e ilegais parece fator relevante para a circulação num campo de refugiados num território desconhecido e idiomas cujo conhecimento mútuo é precário. Ao entrar nos territórios, perto das fronteiras, o observador se depara com espaço em que se abrigam milhares de pessoas fugindo dos riscos e do terror político cujo futuro ou imaginário está alargado por expectativas. Os refugiados podem ser assinalados como uma questão social candente em tempos de intensivos movimentos transnacionais. Em nossa observação fica evidência que as sociedades civis nos países percorridos têm reagido de forma complexa a este movimento, com posicionamentos de acolhimento e de rejeição simultaneamente.

A categorização assume um papel fundamental quanto aos esforços para a governança dos refugiados, tornando alguns mais visíveis, enquanto outros se tornam invisíveis, ao mesmo tempo em que também se normatizam as práticas (ALLEN e outros, 2017). No entanto, os momentos de agudização da percepção de crises em curso podem revelar tensões, inconsistências e ambiguidades nos processos em todas as escalas: indivíduos, cidades, estados e organizações supra-nacionais. A geopolítica e as questões de mobilidade se cruzam, convidando ao debate sobre as assimetrias, as práticas políticas e suas inter-relações complexas e contingentes.

O percurso e os custos da trajetória estão entre os assuntos que despontam na apreensão destes refugiados por estarem em território de outra nação. “Três mil euros para passar da Turquia à Grécia, dali à Macedônia, depois atravessar a Sérvia e agora estamos aqui”, comenta um dos jovens que se comunica em inglês. Esta a tarifa que pagaram para tocar o solo europeu e o roteiro já reflete cruciais barreiras para romper as fronteiras, enquanto circula a informação de que durante poucos dias passaram a fronteira mais de 2.000 pessoas, em sua maioria casais jovens, alguns com filhos. De acordo com Danforth e Van Boeschoten (2012), a exposição das histórias de sujeitos efetivamente enfraquecidos pelas lutas políticas e ideológicas, porquanto refugiados, configura agentes ativos em vez de vítimas passivas.

Num dia de percurso da investigação encontramos numa rodovia um exército de policiais e jornalistas que rodeiam as pessoas que vem chegando supostamente do outro lado da fronteira. Com o uso de um megafone se informa que os recém-chegados devem subir nos ônibus para trasladar-se aos órgãos oficiais a fim de se registrar como refugiados. E o locutor tenta ser convincente, embora permaneça a dúvida quanto à compreensão devido ao idioma: “Estais em solo europeu. Se quereis pedir asilo, um requisito é não ter antecedentes policiais aqui. Assim tereis que ir para se registrar”. Neste grupo com destino a países da Europa ocidental, o que conta certamente o imaginário de nações ricas e de muitas oportunidades, além do grau de proteção fornecida pelo Estado. Todavia, a realidade vislumbrada permite argumentar que a “comunidade internacional” de fato não contribui suficientemente para aliviar os impactos causados pelo afluxo de refugiados da Síria, nos diferentes países tomados como território de trânsito, tanto em assistência humanitária e de instalações para acomodar os refugiados (OSTRAND, 2015). Os fatos em destaque evidenciam as reações de Estados nacionais aos processos de mobilidades e deslocamentos populacionais, como um movimento de estabelecer obstáculo frente ao fluxo migratório. Em outros termos, estamos na presença de agentes que tratam a migração como um problema de segurança nacional e o migrante como alguém a ser controlado e rotulado.

Mesmo que não seja objeto de consideração usual, os refugiados tendem a recorrer a "estratégias de enfrentamento", por exemplo, usando crianças como barreira ou recorrendo a traficantes para ultrapassar fronteiras, ou mesmo recorrendo ao tráfico de mulheres e outras atividades ilegais para garantir a travessia. Se estes são fenômenos já em curso, a insegurança e a insistência na marginalização inevitavelmente produzirão efeitos indesejados. A segregação dos sírios corre o risco de criar maior hostilidade em relação à população local, por mais que a pretensão seja de estar ali somente de passagem, tornando sua presença mais desafiadora para administrar conflitos.

Na medida do possível os refugiados apresentam interesse e usam redes sociais de contato ou troca de informações, ao mesmo tempo frágeis em termos de mobilização social a partir do ambiente online. A busca da satisfação de demandas, representa como principal fator de estar na condição de refugiado, possui baixa intensidade e não tende a proporcionar “viralização” e na adesão de muitas pessoas a sua causa.

Os territórios europeus tem experimentado um dos influxos mais significativos de migrantes/refugiados em sua história, causados pelas guerras civis, pelo terror e pela aspiração de uma vida melhor, fugindo do Oriente Médio, da Ásia Central e da África, atravessando vários países. De acordo com Arsenijević (2017), os principais fatores de pressão incluem desde os conflitos em curso na Síria, no Iraque e no Afeganistão, além da pobreza, abusos de direitos humanos e piora da segurança em diversos países.

Quanto as implicações políticas e práticas são recorrentes os relatos da experiência de violações que geram traumas ao longo da jornada ou rota pelos Balcãs. Pelas condições constatadas nas fronteiras e nas formas como as forças da ordem tratam os refugiados considerável parcela da violência é perpetrada por autoridades constituídas de estados europeus, sendo policiais, guardas de controle de fronteira os executores. Isto decorre do fato de que a maioria dos países europeus ter introduzido propositadamente uma abordagem nas fronteiras como fortalezas para bloquear a entrada de novos migrantes.

Por todos os lados temos a mesma situação, nem se podem registrar como refugiados sem um passaporte sírio e não há maneira de obter documentos do país conflagrado. Mais dramática parece a situação de milhares de crianças que não possui documentação alguma, não podem mostrar certidão de nascimento e nem se podem registrar no lugar em que se encontram. Parece um limbo legal e sem nenhuma alternativa.

As escolhas das instituições políticas da UE e dos estados membros incitam a uma formulação de decisões que conduzem ao bloqueio de fronteiras, sem canais legais de migração e sem um devido sistema de acolhimento, inclusive com particularidades de país para país.

6.Aos cidadãos globais: comprar um passaporte de acesso ao solo europeu

Em grande medida, usualmente os entendimentos de processos migratórios e da existência de refugiados por parte de leigos, de políticas públicas, de governos e da mídia baseiam-se em uma suposição: existe um problema a abordar, um tensionamento a resolver ou algo incomum para explicar e informar. Os refugiados de guerra da Síria, entre outros, desafiam os membros da União Européia (UE) a observar o livre comércio e

circulação uma vez que subcrevem o direito de livre circulação e residência (Raymer, 2016). Entretanto, assimetrias existem e parecem que as justificativas para a sua manutenção aumenta.

No âmbito de uma recepção desigual se expõe precisamente como está em curso a nível global a criação de um mercado da privatização dos direitos e da cidadania, devido ao tratamento pela lógica das desigualdades. De fato, nas agências em que tramitam documentos de residência por inversão financeira os clientes não figuram como migrantes, senão “cidadãos globais”, investidores ou expatriados. “A cidadania sintetiza-se como um mecanismo de acesso aos direitos no território de um Estado-nação, porém estes direitos diferem de forma drástica de um país a outro” (Boatcã, 2014, p. 76). Esta cidadania num país como Espanha ou Áustria confere o direito a um sistema de serviços, infraestrutura, educação, entre outros. Ao contrário, a cidadania num país como Turquia ou Sérvia significa acesso limitado a estes benefícios e também a serviços de saúde.

As dificuldades de atravessar fronteiras se contrapõem às vias da aquisição de passaporte ou licença de trabalho em países europeus e de forma legal. Existem diversas agências oferecendo a agilização de trâmites legais para arranjar residência ou cidadania em algum país da União Europeia a troco de investimentos imobiliários ou compra de títulos da dívida pública de Estados Nacionais.

Sendo assim, nem valas fronteiriças ou cercas de arame, nem rotas perigosas e inseguranças, nem legislação de estrangeiros que os excluam do mercado laboral. Talvez somente a presença dos traficantes que cobram a travessia. As possibilidades de adquirir o direito de residir ou mesmo a cidadania mediante altos investimentos se espraiam justificadas como combate às crises. Na Hungria, ainda em 2012 tem início o programa de “cidadania mediante inversão”, por meio do qual se pode adquirir direito de residência, inclusive a cidadania, como barganha pela compra de bonus do Estado ou de inversões em imóveis acima de 250.000 euros. E a prática se estende à Sérvia onde operam agências que oferecem tramitar um futuro passaporte mediante negócios imobiliários no mesmo valor acima. Porém, explicam as vantagens com tal documento, equivalendo ao direito de viajar sem visto a 38 países, com trâmite em 90 dias, incluindo o investidor, sua mulher e filhos. Já na Bulgária, Espanha ou Portugal, pode-se conseguir autorização de residência com o desembolso de 500.000 euros.

Os refugiados podem ser vistos como duplamente excluídos, do espaço de sua nacionalidade e do espaço em que se situa o campo de hospedagem, ou estão fora do espaço social real e simbólico. Há uma exclusão paradoxal. A persistente reconstrução e produção da exclusão consiste em consolidar relações sociais como espaço em que certas pessoas são descartadas, enclausuradas ou sofrem um processo em que são mantidas invisibilizadas. Não lhes é dado um estatuto jurídico de reconhecimento.

De certo modo pode-se estabelecer um vínculo entre restrições ao asilo de refugiados com as políticas de austeridade, com as contrações no gasto público, com o aumento do desemprego, do custo de vida e das desigualdades, com a decomposição de benefícios sociais (SASSEN, 2014). Esta situação de crescente desigualdade e insegurança quanto aos direitos sociais se reflete nitidamente no interior das nações em que realizamos a pesquisa empírica: Bulgária, Hungria, Romênia, Sérvia, Turquia. Em certo sentido, também há expulsão de segmentos de espaços sociais, como emprego, moradia, seguro desemprego e médico, outros serviços públicos. Trata-se de um processo de invisibilização e declínio das formas de solidariedade.

Três tipos de expulsões que vem sendo reforçadas por condições acima apontadas são analisadas por Sassen (2014), a par do Estado de direito e das vicissitudes das metas de bem-estar. Primeiro, as execuções, um dos modos mais brutais de desalojamento da habitação por ausência de pagamentos. Segundo, os deslocamentos forçados de diversos tipos, como guerra, fome, desastres ambientais e mudanças climáticas, empresas extrativistas. Terceiro, o encarceramento, um dos matizes do desemprego estrutural ou capitalismo avançado, como mecanismo para expulsar do convívio o excedente de trabalhadores, inclusive como se evidencia com demandas por sentenças mais severas e manutenção de aprisionados sem processo de julgamento.

A interrogação dos refugiados contesta a presença dos meios de comunicação em abundância por meio de seus inúmeros jornalistas individualmente sobre as condições e sentidos em que relatam o cotidiano, os horrores, as angústias e incertezas que ocorrem nas restrições a que os migrantes são condenados nos outros países de trânsito. Por que isto não sensibiliza e mobiliza a solidariedade diante da expressa preocupação em blindar cada vez mais as fronteiras, sem oferecer alternativa às pessoas desesperadas? Todos os que são artífices da política de restrição à imigração, com fechamento de fronteiras e todos os cidadãos que a defenderem a repressão ou cúmplices ou a ignorar a sua presença –

ignorando os termos da Convenção de Genebra sobre os direitos dos refugiados – são suscetíveis a prestar contas diante de um tribunal de justiça, como o Tribunal Permanente dos Povos?

7. A ajuda humanitária e a mitigação na incerteza da travessia

Os recursos organizacionais para atender ou acolher refugiados possuem suas fragilidades em todos os países em que foi realizada a investigação. Para um suporte social a competência linguística se forja mais através da solidariedade do que da língua falada. Isto não permite descuidar de treinamentos profissionais orientados a exigências especiais e organizacionais, bem como a sensibilização para personalizar o apoio social. Lacunas quanto ao conhecimento e ao aporte aparecem sistematicamente ao lado de outras barreiras que os refugiados enfrentam.

Nos explica Haydar, que trabalha para uma organização humanitária de Gaziantep (a 50 km da fronteira com a Síria), “as pessoas que permanecem muito tempo nos acampamentos não conhecem direitos. Estamos falando de pessoas simples, que sempre viveram em seu povoado. Nem sabem que tem direitos de sair para fora do campo em busca de trabalho⁶, igualmente sem reserva para alugar algo numa cidade. Muitos creem que a vida no campo é o melhor que podem esperar e encontrar na Turquia. Sempre pensam que será algo temporário”. Depois de mais de quatro anos, o que foi uma resposta a uma situação de emergência, se tem transformado em um impasse sem saída para muitos homens e mulheres. Nada comparado ao sofrimento no seu país em guerra. Explica ainda que as pessoas que se encontram no campo recebem cerca de 25 euros que são inscritos em um cartão de uso exclusivo no campo, usados para comprar comida. Continua Haydar “muitas vezes os preços nessas lojas dentro do campo são mais altos, e eles não podem usar esse dinheiro para comprar em outra loja na cidade”.

⁶Em estudo realizado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) quase metade da população (45%) fugiu de sua residência desde o início da guerra civil. Pelo menos 2,35 milhões deixaram a Síria como refugiados, enquanto 1,54 milhão de sírios vivem em outro país na condição de imigrantes não refugiados. Coletados entre julho e dezembro de 2013, os dados revelam que a Síria é afetada por um desemprego que atinge 54,3% da população ativa, com 3,39 milhões de pessoas fora do mercado de trabalho. Destas, 2,67 milhões perderam seus empregos durante o conflito. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br>

A professora AysenÜstübici, da Universidade de Koç de Estambul, aclara que em torno de uns 10% dos sírios que chegaram à Turquia se encontram em algum destes campos. Ao mesmo tempo adverte de que “ainda que exista uma infraestrutura dentro dos campos, porém ao viver isolados a médio prazo tenderão crescentes dificuldades para poder iniciar uma vida na cidade. No mais, também há informações sobre casos de violência sexual ou de abusos de crianças”. A confirmação de questões quanto à (des)proteção de menores refugiados contra a violência sexual não se tornaram ainda um objeto central da ajuda humanitária. A complexidade dos aspectos gerados por crises decorrentes de refugiados se traduz num leque de prioridades.

O processo de migração não diz respeito apenas aos deslocados, mas está enredado em múltiplas dimensões políticas, práticas sociais e processos históricos que se estendem através do tempo, espaços e lugares, que para o presente texto se refere as vicissitudes em primeiro lugar de nações dos balcãs e para além delas. Alloway (2016) realizou pesquisa com o objetivo de abordar as perspectivas dos trabalhadores humanitários entre várias organizações internacionais, e como estes compreendem avanços e hesitações tanto do ponto de vista político como social em relação aos refugiados sírios. A partir da noção de estruturas paralelas de serviços contextualiza o argumento de que os refugiados devem ser considerados dentro dos sistemas de alívio por meio destas organizações conectando o trabalho de socorro com os órgãos de governo local. Em entrevistas com funcionários de organizações de ajuda humanitária destaram-se os obstáculos para o seu exercício e que estruturas paralelas de serviços continuam a ser um problema para a integração social dos sírios.

Para poder sobreviver fora do campo, esclarece Haydar, não somente precisa de contatos e recursos econômicos, mas também obter autorização para trabalhar na Turquia. “Necessitam uma permissão de residência e para isto devem ter entrado no país de forma legal, com passaporte, documento que a maioria não possui”. A grande maioria só dispõe de documento de proteção internacional temporal que não os autoriza a trabalhar, senão apenas de viver em determinada zona, portanto com limitada mobilidade regional. E complementa, “além da penosa permissão, requer-se contratos de trabalho, com empregadores pagando os impostos correspondentes. Muitos que se encontram fora do campo tem emprego temporário, ganhando de 500 a 900 liras ao mês e é usual compartilhar uma moradia de dois quartos para duas famílias”.

A retenção num espaço geográfico como os campos de refugiados não resguarda das contestações ou da indiferença, pois também se encontra nas tensões que surgem no limiar de percepção de dois mundos que se contrapõem e até mesmo se chocam.

O desafio dos campos de refugiados enfrenta um tempo caracterizado ou pode ser descrito como uma globalização da indiferença, daí a frágil sintonia com hospitalidade. Os desafios globais de acolhimento a partir da necessidade da inauguração de um outro tipo de humanidade fundada na hospitalidade. O paradoxo como o testemunham os milhares de refugiados e migrantes que enfrentam mares e desertos, cercas e muros, repressão e traficantes consiste em serem vistos não como hóspedes desprovidos e despojados, mas como hostis, invasores e estorvo.

Os refugiados de alguma forma hoje são o símbolo radical da condição humana, como manifestação da banalidade do mal, na visão de Arendt. A tragédia desta frágil hospitalidade nos campos denota uma precariedade e provisoriedade. Essas características representam tipos de tensionamentos novos aos cidadãos e aos Estados-nação em que se situa o conflito em questão, porquanto medo do estranho ou ameaça aos seus direitos.

A crise da assistência humanitária parece compreensível na medida em que contingentes vem aumentando e se espalhando por diversos territórios. De acordo com a HumanRightsWatch, entre 2014 e 2016, cerca de 25 milhões⁷ de pessoas foram expulsas, incluindo quase 12 milhões de sírios. De acordo com o ACNUR⁸, o número de refugiados globais é agora de mais de 60 milhões, com algumas estimativas provisórias chegando a 80 milhões⁹ até o início de 2016. Este é o maior desde que o sistema humanitário foi posto em prática. Destaca-se desse número muitos dos deslocados internos e o crescente número nos campos de refugiados ou ainda não contados.

O ACNUR tem registrado a escalada do número de deslocados internos e de refugiados, nem os conflitos nos países mencionados possui uma perspectiva de que possam vir a acabar em breve. Na voz dos refugiados se destaca a brutalidade desses conflitos, com um claro desprezo inequívoco pelo direito internacional humanitário, razão pela

⁷Confira “Why do People Risk Their Lives to Cross the Mediterranean?” Human Rights Watch, julho 2015, <https://www.hrw.org/news/2015/07/28/why-do-people-risk-their-lives-cross-mediterranean>, acessado agosto 2015.

⁸ Em português Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e em inglês *United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR)*.

⁹“Facts and Figures about Refugees”, UNHCR, 2015. <http://www.unhcr.ie/about-unhcr/facts-and-figures-about-refugees>.

qual as pessoas fogem da violência instaurada. Entre os fluxos migratórios se aponta para um contexto de origem maior marcado por condições extremas que merecem ser delineadas.

Considerações finais

Como pesquisadores encontramos dificuldades para obter informações pretendidas. Os refugiados de alguma forma mantêm-se fechados diante de estranhos e de jornalistas que fazem muitas perguntas. Especialmente, por que tem sofrido ataques sistemáticos principalmente da política repressiva e a sua divulgados pela mídia. Por isso, são também desconfiados com relação à presença de pesquisadores e que tem com certeza um desenho parecido. Demora um certo tempo para conquistar alguma confiança de alguns interlocutores para tratar de assuntos para além do trivial para compartilhar suas tramas, ou mesmo ajudarem a tomar contato com outros.

As narrativas apresentadas consolidam parte da realidade da crise migratória ou de pessoas relegadas à miséria humana pelas condições lamentáveis de campos ou cidades improvisadas para refugiados que esperam ou a reabertura de fronteiras entre nações com regime democrático, ou algo melhor do que a guerra civil de que estão fugindo. Na qualidade de pesquisadores, mesmo percorrendo os espaços de concentração, se pode imaginar, mas fica difícil sentir até que ponto se deterioram as circunstâncias de tantos que vivem sem os seus direitos como refugiados.

A informação em territórios estranhos parece tornar-se ocasião fundamental para a rota de imigrantes que fogem da pobreza, da fome e da guerra, pois enquanto refugiados se amontoam em lugares oficiais e inusitados. As condições de abrigo, de higiene e de alimentação, particularmente ruins, variam de acordo com os espaços pesquisados. Da mesma forma as tensões são cenários cotidianos e manifestações coletivas explodem circunstancialmente. O volume de refugiados provoca o que se pode denominar de crises humanitárias e que, de acordo com Bahcekapili e Cetin (2015, p. 2) tem um destaque com impactos econômicos, sociais, culturais e políticos do fluxo migratório.

Este estudo contribui, a partir de uma perspectiva qualitativa, para compreender dentro da discussão acadêmica mais ampla, também os percalços dos trabalhadores

humanitários com sua experiência na mitigação. Estes serviços de emergência afetam também os países anfitriões nos balcãs e parece que as perspectivas de ajuda internacional podem ser reestruturadas em suas respostas para atender às necessidades dos refugiados.

Além do mais, apontar para um diálogo com as diferentes trajetórias históricas e a atenção para as experiências daqueles que vivem e continuam a conviver com a indefinição de momentos históricos pode criar um espaço respeitoso dos direitos e as bases para a coexistência e tolerância. De alguma forma as sofridas histórias de migração na atualidade tentou demonstrar que as conquistas das liberdades, da democracia e do bem-estar social constitui algo que passa por desafios para a sua manutenção e ampliação. Os fluxos migratórios globais desembarcaram na formação de campos de refugiados, além disto são dinâmicos e assumem características trágicas, no contexto onde se ouvem tantos elogios aos exemplos de transnacionalismo ou de abertura de fronteiras comerciais. Do ponto de vista formal, há uma maior institucionalização e reconhecimento de direitos em face das migrações do ponto de vista de órgãos internacionais, bem como se evidencia Estados nacionais que ainda não se adequaram normativamente ao fenômeno, ou que se encontram num processo de refluxo quanto ao endosso de acordos endossados.

Por fim, as nações desenvolvidas não assumem a sua responsabilidade em relação ao financiamento de guerras, porquanto muitos destes migrantes encontram-se em rota de fuga destas guerras e a maior parte deles tem histórias cruéis diante de múltiplas violências. Os autores fizeram questão de apresentar o desafio humanitário diante dos novos contingentes de refugiados com suas necessidades sempre urgentes.

Ao longo do texto se narram as ações de atores sociais: 1) as experiências de fuga das tragédias cotidianas vividas em sua terra natal e nas fronteiras, sendo sua atual condição de apreendidos na fronteira e a sua luta renhida para alcançar a Europa. 2) o sistema de repressão e controle. 3) A presença de traficantes em disputa e com seu custo por serviços prestados e que podem ser vistos tanto como avessos e aliados dos refugiados na meta de cruzar a linha dos obstáculos ou as fronteiras vigiadas. 4) Os ativistas voluntários ou ações pedagógicas de mitigação humanista em meio às medidas avessas aos refugiados e lutando tanto por socorrer quanto alçar legitimidade em meio ao conflito.

Referências

- ALEKSANDROVA, Boryana. Security in Times of Migration: Towards a Glocal Definition and Practice of Security. The Case of the Syrian Refugees in Bulgaria. *Balkan Social Science Review*, v. 4, p. 227-253, 2015.
- ALLEN, William et al. Who Counts in Crises? The New Geopolitics of International Migration and Refugee Governance. *Geopolitics*, 2017, p. 1-27. Disponível <https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:0bcd84d9-b429-48e8-8e92-1dbc1912b11f>
- ALLOWAY, Alysha. Goals of Aid Organizations and Perspectives of Employees: Urban Integration of Syrian Refugees in Jordan. *Independent Study Project (ISP) Collection*. 2375, 2016. http://digitalcollections.sit.edu/isp_collection/2375
- ARSENIJEVIĆ, Jovana et al. A crisis of protection and safe passage: violence experienced by migrants/refugees travelling along the Western Balkan corridor to Northern Europe. *Conflict and health*, v. 11, n. 1, 2017.
- BAHCEKAPILI, Cengiz; CETIN, Buket. The Impacts of Forced Migration on Regional Economies: The Case of Syrian Refugees in Turkey. *International Business Research*, v. 8, n. 9, p. 1-15, 2015
- BENEZER, Gadi; ZETTER, Roger. Searching for directions: Conceptual and methodological challenges in researching refugee journeys. *Journal of Refugee Studies*, v. 28, n. 3, p. 297-318, 2015.
- BOATCĂ, Manuela. *Global inequalities beyond occidentalism*. Farnham: Ashgate Publishing, 2015.
- BOATCĂ, Manuela. *Beyond Classical Concepts of Social Inequality: A postcolonial Perspective on Global Inequality and Stratification*. Ashgate Publishing, 2014
- BRETTELL, Caroline B. Perspectives on Migration Theory Anthropology. In: WHITE, Michel (eds) *International Handbook of Migration and Population Distribution*. *International Handbooks of Population*, vol 6. Springer, Dordrecht, 2016. p. 41-67
- DANFORTH, Loring M.; VAN BOESCHOTEN, Riki, *Children of the Greek Civil War: Refugees and the Politics of Memory*, Chicago: University of Chicago Press, 2012.
- O'REILLY, Karen. Migration theories: a critical overview. IN: Triandafyllidou, Anna. (ed.) *Routledge Handbook of Immigration and Refugee Studies*. Oxford: Routledge, 2015, p. 25-33.
- OSTRAND, Nicole. The Syrian refugee crisis: a comparison of responses by Germany, Sweden, the United Kingdom, and the United States. *Journal on Migration and Human Security*, v. 3/3, 2015
- RAYMER J. Migration in Europe. In: White M. (eds) *International Handbook of Migration and Population Distribution*. *International Handbooks of Population*, vol 6. Springer, Dordrecht, 2016.
- SASSEN, Saskia. *Inmigrantes y ciudadanos. De las migraciones masivas a la Europa fortaleza*. Madrid: Siglo XXI España, 2013, 251 p.
- SASSEN, Saskia. *Expulsions: Brutality and complexity in the global economy*. Harvard University Press, 2014.

SASSEN, Saskia. Three Emergent Migrations: An Epochal Change. *SUR* 23, v.13, n.23, 2016, p. 29-41.

TRIANDAFYLLIDOU, Anna. (ed.) *Routledge Handbook of Immigration and Refugee Studies*, Abingdon, Oxford: Routledge, 2015.

WHITE M.J.; JOHNSON C. Perspectives on Migration Theory: Sociology and Political Science. In: WHITE, Michel (eds) *International Handbook of Migration and Population Distribution*. *InternationalHandbooksofPopulation*, vol 6. Springer, Dordrecht, 2016, p. 69-89.